

## Inquietações

### *ESTAMOS “ENSALANDO” O SUFICIENTE?: AS TRAVESTIS, AS TRANSEXUAIS E AS QUESTÕES LGBTQAI+ NA EJA*

*Are we “rehearsing” enough?: transvestites, transsexuals and LGBTQAI+ issues at EJA*

*¿Estamos “ensayando” lo suficiente?: travestis, transexuales y temas LGBTQAI+ en EJA*

Matheus Franco Delgado\*

---

<https://doi.org/10.38117/2675-181X.formov2021.v3i3n7.1028-1037>

---

#### Resumo

O presente trabalho objetiva discutir algumas questões acerca da minoria LGBTQIA+ no Ensino de Jovens e Adultos (EJA), com um foco maior na letra T da sigla (que se refere às pessoas transgênero, transexuais e travestis). Partimos da questão da invisibilidade ou ausência desse público - alunas travestis - no contexto educacional do país? Onde estão essas travestis na EJA e como elas estão sendo tratadas? Como os cursos de formação de professores tratam essa questão, muitas vezes, subsumida nas discussões de gênero. Este texto ensaístico tem mais perguntas que respostas, e longe de tentar equacionar essa questão complexa, visa demonstrar que precisamos debater mais essa e outras questões nos cursos de pedagogia, partindo da constatação de que é necessário ensaiar mais para atender as necessidades dessas pessoas e compreendê-las como seres humanos e cidadãs na sala de aula.

**Palavras-chave:** Gênero; Formação de Professores; Educação de jovens e Adultos.

#### Abstract

This paper aims to discuss some issues about the LGBTQIA+ minority in Youth and Adult Education (EJA), with a greater focus on the letter T of the acronym (which refers to transgender, transsexual and transvestite people). We start from the question of the invisibility or absence of this public - transvestite students - in the educational context of the country? **Where** are these transvestites in the EJA and how are they being treated? How teacher training courses address this issue, it is often subsumed in gender discussions. This ensaistic text has more questions than answers, and far from trying to address this complex question, aims to demonstrate that we need to discuss this and other questions in pedagogy courses, starting from the realization that it is necessary to rehearse more to meet the needs of these people and understand them as human beings and citizens in the classroom.

**Keywords:** Gender; Teacher Training; Youth and Adult Education.

## Resumen

Este artículo tiene como objetivo discutir algunos temas sobre la minoría LGBTQIA + en la Educación de Jóvenes y Adultos (EJA), con un mayor enfoque en la letra T del acrónimo (que se refiere a las personas transgénero, transexuales y travestis). ¿Partimos de la cuestión de la invisibilidad o ausencia de este público - estudiantes travestis - en el contexto educativo del país? ¿Dónde están estas travestis en la EJA y cómo están siendo tratadas? La forma en que los cursos de formación docente abordan esta cuestión, a menudo se subsume en las discusiones de género. Este texto ensayístico tiene más preguntas que respuestas, y lejos de tratar de abordar esta compleja pregunta, pretende demostrar que necesitamos discutir esta y otras preguntas en los cursos de pedagogía, partiendo de la comprensión de que es necesario ensayar más para satisfacer las necesidades de estas personas y entenderlas como seres humanos y ciudadanos en el aula.

**Palabras clave:** Género; Formación de profesores; Educación de Jóvenes y Adultos.

---

## Introdução

No presente trabalho, pretendo trazer questões e discussões acerca da minoria LGBTQIA+ na Educação de Jovens e Adultos (EJA). Com um foco maior na letra T da sigla (que se refere às pessoas transgênero, transexuais e travestis<sup>1</sup>), faço algumas questões: Onde estão as alunas travestis no contexto educacional do nosso país? Onde estão essas travestis na EJA e como elas estão sendo tratadas? Por qual motivo não tive/tenho maior contato com conteúdos que abordem mais profundamente essa minoria nas disciplinas<sup>2</sup>? O que nós vamos fazer? Estamos ensaiando o suficiente para atender as necessidades dessas pessoas e compreendê-las como seres humanos e cidadãs na sala de aula? (BRANCALEONI; BETTARELLO, 2021).

Resolvi escrever sobre esse tema devido a inquietação causada por não encontrar muitas travestis/transexuais nos espaços escolares e nem atuando em trabalhos formais, ocupando cargos bem remunerados ou valorizados socialmente. Quantas travestis/transexuais idosas você, que me lê neste momento, conhece? Aposto que poucas. Onde estão elas e por que elas não estão nos mesmos espaços que todos nós frequentamos? Onde vivem e em que trabalham? Qual a sua escolaridade? Partindo de

---

<sup>1</sup> Travesti é uma identidade latino-americana feminina. Sempre nos referimos às pessoas travestis no feminino, ou seja, A travesti, e não O travesti – a não ser, é claro, que a pessoa travesti prefira ser chamada de outra maneira.

<sup>2</sup> A UERJ é conhecida, não atoa, por sua pluralidade e seu respeito para com todas as pessoas, e eu reconheço isso. Contudo, sinto falta de mais conteúdos que abordem a população LGBTQIA+, e, mais precisamente, as travestis e transexuais

uma perspectiva inclusiva e de valorização da diversidade acredito que precisamos fazer mais do que estamos fazendo.

Cabe aqui fazer um destaque para indicar dois elementos que ajudam a compreender essa invisibilidade: a homofobia e o preconceito. O Brasil é o país que mais mata travestis no planeta, e, ainda, é o país número 1 no consumo de conteúdo pornográfico com travestis e transexuais. (FORUM, 2017; GERMANO, 2016)

Então, o que está acontecendo? O que podemos perceber é que, além de não conseguirem estudar e ter um trabalho formal, elas estão morrendo, devido a intolerância, preconceito e ódio, e acho que temos que dar mais atenção a isso. Sabemos que faltam políticas públicas de saúde, educação, trabalho e renda, assistência social, voltadas para a população LGBTQIA+, e esse é mais um elemento que contribui para a diminuição de oportunidades e, conseqüentemente, para a estigmatização desse público, muitas vezes já com uma trajetória escolar acidentada (AMORIM; ROCHA; DINIZ; 2019).

Pensemos, agora, em uma pessoa como o autor que vos escreve: homem, branco, cisgênero e homossexual. Quase sempre, quando vemos a sigla LGBTQIA+, nossa mente nos remete a esse indivíduo, que é representado pela letra G na sigla em questão. Eu, sendo como sou, sofri uma série de violências na escola. Apesar do privilégio de ser homem e de pertencer a letra que “menos sofre preconceito” na sigla, foi um período muito difícil para mim. Por conta do *bullying* e da homofobia, minha mãe me trocava de escola sempre. Estudei em quase todas as escolas da cidade, numa inútil tentativa de parar com os tristes episódios. Durante algum tempo, pensei que eu “era errado” (do verbo ser, mesmo). Mas não. Além, é claro, dos colegas que foram o terror no meu cotidiano, a escola tem sua parcela de responsabilidade, pois não soube me entender, além de se omitir em relação ao *bullying*. A escola não soube me enxergar – ela me via, mas ela não me compreendia, e ademais optava por uma postura omissa em relação à violência e ao preconceito.

Hoje, mais de duas décadas depois, vemos uma escola onde alunos gays e afeminados, felizmente, tem um pouco mais de apoio, ainda que o preconceito e a homofobia também tenham se intensificado, em um cenário político de extremo conservadorismo de base fundamentalista. Esses alunos têm o privilégio de, por exemplo, viver na mesma geração em que a *drag queen* Pabblo Vittar - um fenômeno internacional no que se refere ao campo artístico e musical. Vemos alunos com um pouco mais de coragem do que na minha época, afirmando suas identidades, graças a figuras conhecidas na cultura *queer*. Mesmo assim, infelizmente, não é raro ver casos de alunas e alunos

LGBTQIA+ que se suicidam por conta do preconceito sofrido na escola. A homofobia e o bullying ainda não tiveram seu fim, mas vamos caminhando, a passos lentos. Porém, para alguns, a caminhada está mais lenta que para outros.

No meu caso, abandonei os estudos no primeiro ano do ensino médio, para trabalhar e ajudar os meus pais no roçado, uma vez que o sustento dependia também do meu esforço braçal. Foi bem ruim, pois eu gostava de estudar. Mas, por outro lado, foi um alívio não precisar mais encarar dias e dias de violência verbal e física. Algum tempo depois, voltei a estudar, em uma instituição privada, na modalidade EJA. Neste curso, não tive contato com nenhum tipo de material sobre assuntos considerados transversais<sup>3</sup> como, por exemplo, a diversidade de pessoas LGBTQIA+, a população negra e o racismo, as mulheres e o machismo, entre outros temas.

Acredito que nós, como futuros pedagogos, precisamos ir mais a fundo e olhar com mais atenção a sigla dessa minoria<sup>4</sup>. Para tanto, penso que devemos ter mais contato com conteúdos e temas que abordem a cultura LGBTQIA+ e seus sujeitos. Indico, ainda, um foco maior na letra T, e, fechando ainda mais, nas travestis e transexuais. Se ainda não sabemos ao certo como lidar com alunos homossexuais, saberemos lidar com a criança transexual? Hoje, quanto futuros professores concluem sua formação inicial, inclusive no curso de Pedagogia, sem nunca ter lido sequer um texto ou assistido uma palestra ou discutido em sala de aula a realidade dessas pessoas “fora do padrão”. Como reagirão quando a diversidade adentrar a sua sala de aula? Com preconceito e repulsa ou com aceitação e respeito?

Penso que não estamos fazendo o bastante para superar o preconceito e a exclusão. Talvez devêssemos ir mais fundo. Seria desejável que tivéssemos contato com as travestis e transexuais no curso, como algum tipo de roda de conversa com a participação delas, é claro. Temos que ouvi-las. O que elas têm a nos dizer sobre isso tudo?

A EJA é uma modalidade de ensino para aqueles estudantes excluídos da escolarização na chamada ‘idade certa’, devido a processos históricos de exclusão (JULIÃO, 2015). O currículo da EJA pode ser um espaço oportuno para discutir as

---

<sup>3</sup> Como eram denominados pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) os temas ligados a diversidade, entendidos como transversais às disciplinas – poderiam assim ser tratados em todas, mas na prática não eram abordados em nenhuma. Hoje, não me parece muito cabível tratar a vida das pessoas como um “assunto transversal”.

<sup>4</sup> Por vezes, penso que “minorias” não é um termo correto para se referir as pessoas LGBTQIA+. Será que existem poucos de nós, somos invisíveis ou será que, na verdade, temos medo de ser quem somos?

questões que afetam as alunas e alunos LGBTQIA+, e que muitas vezes determinaram uma trajetória escolar acidentada, marcada pelo abandono da escola. A elaboração e a escolha de conteúdos para os alunos que prezem pelo respeito à(s) diversidade(s) e aos direitos humanos, à uma cultura da não-violência, é de extrema importância (ARROYO, 2008). Na escola, quando crianças, temos a oportunidade de entrar em contato com uma outra instituição além da família. Quanto ao alunado do EJA, provavelmente já tiveram contato com uma outra instituição: o trabalho. Essas instituições são lugares que procuram formar e moldar os indivíduos. Contudo, é na escola, como instituição que busca a emancipação e a liberdade do imaginar e criar, como Paulo Freire (1992) nos ensina, que é oferecida a possibilidade do pensar crítico e do questionamento.

Dessa forma, se mostra necessário pensar em um currículo que possa abraçar essas alunas e alunos, com temas que sejam de interesse para elas e eles. A família e o espaço de trabalho podem agir de forma opressora sobre as pessoas LGBTQIA+, fazendo com que eles e elas se deparem com diversas dificuldades durante toda a vida. A escola, assim como a EJA, tem o dever político-social de receber essas pessoas e de mostrar que elas e eles são sujeitos de direitos – não só educacionais, mas também o direito de poder continuar vivos, sendo quem querem ser. Então, um currículo que converse com essas pessoas, é um currículo onde eles também se vejam, se sintam presentes e pertencentes: que se reconheçam. (FERREIRA; FERREIRA, 2012)

Penso que não é possível termos *ensinoaprendizagem* sem considerar a diversidade. Para mim, autor deste texto, educação TEM QUE andar ao lado da diversidade. Não existe outro caminho, caso estejamos comprometidos com uma educação para a liberdade. Todos somos diferentes, e devemos ser respeitados, com nossas cores, crenças e artefatos culturais.

Um currículo e uma escola que abordem a diversidade e que esta seja para além de transversal. Eu, Matheus, homossexual, não sou algo que tenho que ser “inserido” transversalmente em outras disciplinas. Eu não sou leite ninho em açaí, e nem bacon no caldo do feijão. Eu faço parte disso, nós fazemos, nós alunas e alunos gays e sapatonas, e professoras e professores também, assim como pedagogas e pedagogos afeminados e trejeitosos, e mestras e doutoras travestis e transexuais. A história LGBTQIA+, a minha a história e tantas outras que já foram silenciadas e/ou vomitadas, não podem ser *apenas* um adicional.

Talvez, o currículo esteja todo errado. Eu não conheço um modelo correto de currículo, ainda mais para a EJA. Não domino (e nem queria) a expertise de um educar

perfeito, não. Assim, a escola seria apenas mais um local, uma instituição que encaixota, como tantas outras. Temos que ir de encontro ao imperfeito, ao bagunçado, ao remexido, ao desconcertado. Tá tudo muito bonitinho, organizadinho, polarizado. *Homens prá cá, mulheres prá lá*. Não. Vamos mudar, vamos tentar criar algo que atinja tanto as pessoas LGBTQIA+ quanto os demais. Não em busca de um ensino correto, mas de um ensino plural, diferente, prazeroso, possivelmente feliz.

Educar, lecionar, ensinar... E até mesmo aprender. Vamos desenvolvendo nossa autonomia, e quando gostamos daquilo que desenvolvemos, o trabalho tende a não ser tão cansativo e maçante. Pois, sim, ele pode ser cansativo e até mesmo ruim. Vamos trabalhar, praticando um ofício mal remunerado. Ninguém é educador(a) apenas por amor. Nós pagamos conta. Você, que me lê, paga contas. Somos profissionais da educação. Na verdade, futuras e futuros profissionais da educação, que ensinam não somente a ler e a escrever, mas a pensar de forma crítica, autônoma, reflexiva sobre a realidade. (FARIA, 2015)

Mas, eu estava falando em viver com autonomia, de desenvolver uma prática de vida autônoma, não apenas escolar, mas sim de cotidiano, de existência. A autonomia torna mais possível o ser/existir, e isso impacta diretamente a vida desses sujeitos. Penso que a melhor forma de proporcionar autonomia para a minoria LGBTQIA+, e, principalmente as pessoas trans e travestis, seria a de mostrar que sua vida é válida, que sua história importa, que tudo que já aconteceu e o que vai acontecer é de interesse da escola e do professor. Ensinar e aprender juntos, uns com os outros, quem ensina aprende e quem aprende ensina, como Paulo Freire (2004) também nos ensinou. Podemos aprender com essas pessoas, afinal elas têm muito o que nos ensinar. Não dá para simplesmente ensinar autonomia, mas é possível mostrar os ruídos e vestígios que ela deixa pelo caminho enquanto a procuramos.

Como nos lembra Paulo Freire (1992), devemos praticar uma ação docente/pedagógica transformadora, e não meramente transmissora. Uma educação que liberta e emancipa, que alarga horizontes e possibilidades de ser e existir. Paulo Freire (2004) cita a ética crítica, a valorização de si a amorosidade autêntica como princípios básicos nessa trilha em busca da autonomia. E por falar em amor, muitas pessoas trans e travestis nunca receberam afeto. Isso foi negado a elas por suas famílias, pela sua escola

e pela sociedade em geral. Como fala Alina Durso (2021), dona do perfil *Diário de Uma Travesti*<sup>5</sup>

*O amor não é algo democrático, o amor não é algo possível para todas as pessoas. Eu sou uma travesti e por muito tempo fui privada de afeto. Existem travestis pretas com 40-50 anos de idade que não sabem o que é ter amor da família, que não sabe o que é afeto.*

Porém, não é exatamente por amor que elas lutam, mas sim por sobrevivência e pelo direito de existir. Penso que os ensinamentos de Paulo Freire (principalmente nas obras *Pedagogia da Esperança* e *Pedagogia da Autonomia*) são de grande ajuda quando praticados em sala, pois são calcados no respeito ao que o outro representa e a sua existência. Acreditar em si e praticar a autonomia nos provoca um sentimento de pertencimento e de direito a existir. (FREIRE, 1992; 2004)

Apesar do apagamento, da invisibilidade e das dificuldades que sofrem em todas as instancias, existem pessoas da sigla T que rompem barreiras, que vivem no intermeio, que se espremem nas brechas dos sistemas e conseguem desembocar nos lugares que almejavam estar, entre elas a sala de aula como professora e a universidade como pós-graduanda. Mesmo com toda a violência que atinge essas pessoas, existem aquelas que, como a Sara York, quebram casulos e constroem as próprias asas, muito fortes e “babadeiras”.

Sara Wagner York é uma mulher trans-travesti, pai, avó, deficiente visual, doutoranda em educação, especialista em gênero e sexualidade, mestra em educação, graduada em letras português-inglês e pedagogia, ativista LGBTQIA+, formadora de atores, articuladora, linguista, tradutora e pesquisadora. Sara é formada pela UERJ e continua sendo sua aluna mesmo após a graduação. Pelo seu perfil no Instagram, Sara nos mostra um pouco de seu cotidiano ao mesmo tempo que defende causas das minorias, como das pessoas trans/travestis, dos negros, das mulheres e dos mais necessitados.

Em um artigo/crônica publicado para a editora Ruído Manifesto, denominado *Quem aprende com quem?* (2019), York exemplifica a mudez sofrida pela população T, utilizando uma situação em que pessoas negras, de forma pública e explícita, reivindicavam o direito de estarem em eventos científicos e acadêmicos, e não apenas em

---

<sup>5</sup> *Diário de Uma Travesti*, no Twitter e, também, no Instagram, com o mesmo nome.

cargos subalternos. Sara nos conta que nem o piso de qualquer evento sobraria para limpar se fossem para pessoas trans. Nem a isso pensam que elas têm direito.

*A sociedade ocidental moderna é racista, que sonha em ser branca e cis-hetera, convivendo com algo que a acompanha e condiciona, a opressão patriarcal. Por isso o pavor dessa sociedade sobre corpos que não correspondem às suas funções necropolíticas [...] enquanto corpos portadores de falo. Por outro lado, obrigando outros corpos fálicos, aqueles que aderem à cisheteronorma [...], a sua não percepção de seus privilégios. E quando a moça negra pede a publicização do fato, a primeira coisa que me vem à mente é, se fossem pessoas trans, não seríamos acusadas de escândalo?” (YORK, 2019).*

Em nossa prática pedagógica, vamos encontrar com outras Saras. Elas vão nos mostrar quem são, e iremos fazer parte disso, da história e da pessoa que ela é e deseja ser. Não é de meu conhecimento como foi o período escolar para Sara, contudo, acredito que se esse período dentro da instituição escolar priorizar o sentimento da esperança e a prática da autonomia como alicerces para a educação, poderíamos fazer essas outras Saras terem seus direitos reconhecidos, conseguindo, assim, ocupar qualquer lugar que desejarem.

Dessa maneira, ensaiaremos de uma melhor forma. Vamos ensinar aprendendo e aprender ensinando. E ensaio é um bom termo, ainda mais se pensarmos que vivemos em um grande palco, apresentando nosso *show*, diariamente, ao lado de outros protagonistas e figurantes. Queremos as pessoas LGBTQIA+ com papéis em todas as áreas. Para o aluno, seja ele da EJA ou não, nós não somos diretores: nós pedagogas e professoras somos assistentes de palco, prontos e atentos em cada encenação, acompanhando cada *take*, e atuando junto para uma enorme plateia. E estaremos aqui se jogarem tomates ou se aplaudirem, mas não deixaremos a cortina se fechar.

## Referências

AMORIM, Ana Clara Pinheiro Silva; ROCHA, Thiago da Silva; DINIZ, Diana Melissa Ferreira Alves. **Evasão escolar de mulheres trans e travestis: uma análise acerca da (in)existência de políticas públicas educacionais**. VI Congresso Nacional de Educação – CONEDU. Fortaleza, CE: Editora Realize, 2019. Disponível em: [https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO\\_EV127\\_MD1\\_SA7\\_ID9333\\_15082019094634.pdf](https://editorarealize.com.br/editora/anais/conedu/2019/TRABALHO_EV127_MD1_SA7_ID9333_15082019094634.pdf). Acesso em: 14 de agosto de 2021.

ARROYO, Miguel Gonzáles. **Indagações sobre currículo: educandos e educadores: seus direitos e o currículo**. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2008. (*Disponibilizado na plataforma AVA/UERJ*).

BRANCALEONI, Ana Paula Leivar; BETTARELLO, Isadora. **Conversas com Sofia: vivências de uma jovem transexual na EJA**. Revista Expressa Extensão. ISSN 2358-8195, v. 26, n. 2, p. 46-58, MAI-AGO, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufpel.edu.br/ojs2/index.php/expressaextensao/article/view/20521>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

DURSO, Alina. **Tweet**. Diário de uma Travesti: perfil na rede social Twitter. Publicado em: 26 de outubro de 2021. Disponível em: <https://twitter.com/alinadurso/status/1453034936831729669?s=20>. Acesso em: 20 de novembro de 2021.

FARIA, Rejane Cristina Barreto. **Professor da EJA como profissional reflexivo**. In: MEDEIROS, Cecília (Org.). Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Diversidade: saberes, sujeitos e práticas. Niterói, RJ, CEAD/UFF, 2015, p. 149- 156. (*Disponibilizado na plataforma AVA/UERJ*).

FERREIRA, Leyse da Cruz; FERREIRA, Maria José de Resende. **Desafios da EJA: o espaço escolar para as transexuais e travestis**. II Seminário Nacional de Educação, Diversidade Sexual e Direitos Humanos. Grupo de Estudos e Pesquisas em Sexualidades (GEPSS). Universidade Federal do Espírito Santo - UFES. Espírito Santo: UFES, 2012. Disponível em: <https://periodicos.ufes.br/index.php/gepss/article/view/3891>. Acesso em: 22 de agosto de 2021.

FÓRUM. **Brasil é o país em que mais se procura pornografia trans e que mais se mata pessoas trans**. Revista Fórum. São Paulo: 2017. Disponível em: <https://revistaforum.com.br/noticias/brasil-e-o-pais-em-que-mais-se-procura-pornografia-trans-e-que-mais-se-mata-pessoas-trans/#>. Acesso em: 26 de agosto de 2021.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários a prática educativa**. São Paulo: Paz e Terra, 2004.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da esperança: um reencontro com a Pedagogia do oprimido**. São Paulo: Paz e Terra, 1992.

GERMANO, Felipe. **Brasil é o país que mais procura por transexuais no RedTube – e o que mais comete crimes transfóbicos nas ruas**. Revista Super Interessante. São Paulo: Editora Abril, 2016. Atualizado em: 2018. Disponível em: <https://super.abril.com.br/comportamento/brasil-e-o-pais-que-mais-procura-por-transexuais-no-redtube-e-o-que-mais-comete-crimes-transfobicos-nas-ruas/>. Acesso em: 25 de agosto de 2021.

JULIÃO, Elionaldo Fernandes. **A diversidade dos sujeitos da EJA**. In: MEDEIROS, Cecília. Educação de Jovens, Adultos e Idosos na Diversidade: saberes, sujeitos e práticas. Niterói, RJ, CEAD/UFF, 2015, p. 157-170. (*Disponibilizado na plataforma AVA/UERJ*).

YORK, Sara Wagner. **Quem aprende com quem?** Revista Ruído Manifesto: Mato Grosso. 29 de janeiro de 2019. Disponível em: <http://ruidomanifesto.org/uma-cronica-de-sara-wagner-york/>. Acesso em: 21 de novembro de 2021.

\*\*\*

Recebido em: 11 nov. 2021.  
Aprovado em: 13 dez. 2021.

\* **Matheus Franco Delgado** é estudante de Pedagogia da Faculdade de Educação da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) e Bacharel em Turismo pela Universidade Estácio de Sá (UNESA).

E-mail: [matheusfdelgado@gmail.com](mailto:matheusfdelgado@gmail.com)

ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-3047-3576>

\*\*\*\*\*